

SIMULAÇÃO DE VÔO NO ESTÚDIO DE EDIÇÃO

A PRIMEIRA VIAGEM DE UMA ETNÓGRAFA¹

Claudia Fonseca

A Antropologia Visual é um pacote poderoso de possibilidades. Quando falamos nela, pensamos, em primeiro lugar, nas obras produzidas em fôto ou vídeo por pesquisadores - os filmes de Rouche, as fotos de Collier. Além de evocar reflexões sobre a forma textual em que apresentamos os resultados de pesquisa, ela suscita debates sobre o uso da câmera na pesquisa de campo. Assim, é neste campo que a *intersubjetividade* tem sido sistematicamente auscultada - desde os usos da fotografia na coleta de dados, até a devolução da pesquisa para os pesquisados (ver, por exemplo, Monte-Mor e Parente 1994, Eckert e Godolphim 1995)..

Gostaria, porém, de concentrar-me em um aspecto levemente menos excitante da Antropologia Visual, mas certamente não menos importante. Proponho abordar os usos do material visual no treinamento de estudantes da graduação em técnicas de pesquisa antropológica. Não vou nem entrar nas vastas possibilidades de análise abertas pelo uso de vídeos na sala de aula pois, até agora, não tive a mão material suficiente para sistematizar um programa de aula digno deste campo². Quero falar, antes, do processo inesperado que ocorreu entre três bolsistas da graduação envolvidas na fabricação de um vídeo³. Quero relatar como o trabalho com fitas gravadas durante minha pesquisa de campo provocou

¹ **Imagens e ciências sociais** (organizado por Maura Koury). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998. Com ajuda de Miriam Vieira e Elisiani Pasini (bolsistas de IC).

² Sobre este assunto, veja em particular "Antropologia visual; aplicações didáticas" e "Do campus para as escolas: o uso da fotografia na divulgação de pesquisas e integração de saberes". In Koury 1995.

³ Agradeço a Elisiane Pasini, Miriam Viera e Michele Lavra Pinto, bolsistas que, com seu trabalho técnico, não somente possibilitaram a fabricação do vídeo, mas também me obrigaram a aprofundar certas reflexões sobre o trabalho antropológico.

entre estes estudantes reflexões originais e "independentes" (i.é, que não constavam de minha pauta original de preocupações).

O processo

Primeiro um rápido pano de fundo: Trata-se do vídeo "Ciranda, Cirandinha: histórias de circulação de crianças em classes populares" que devia resumir, de certa forma, a minha pesquisa sobre organização familiar em grupos populares de Porto Alegre⁴. O trabalho de filmagem, roteirização e edição foi feito por uma equipe de quatro pessoas, três das quais também alunos da graduação. A riqueza desta experiência, para todos nós, foi demonstrada pelo fato de que meus três *co-equipiers* continuaram no campo de antropologia, desenvolvendo outras pesquisas no curso de pós-graduação. Tal fato não é muito surpreendente. É geralmente reconhecido que, na formação do aluno, o envolvimento em pesquisa faz toda a diferença - seja qual for a disciplina. Mas o que me surpreendeu foi o efeito surtido entre nossos "escravos": os auxiliares de produção que tiveram que fazer o trabalho braçal, decupando 36 horas de fita.

Eram três moças, duas das quais no segundo ano de faculdade. Tinham feito uma, no máximo duas cadeiras em antropologia e estava com muita vontade de lançarem-se na pesquisa de campo. Eu, atolhada de trabalho - entre pesquisas e alunos de pós-graduação - estava com pouca vontade de tirar o tempo necessário para treiná-las. Ainda mais, tinha certo escrúpulo em largar alunos inexperientes no campo para assediar vítimas inocentes. (A pesquisa de campo, sem preparo adequado, pode ser uma experiência violenta - tanto para os pesquisadores neófitos quanto para os pesquisados.) Como meio termo, sugeri

⁴ Diversos artigos já publicados a partir desta pesquisa sairão em 1995 pela Editora Cortez, sob o título, *Nos caminhos da adoção*.

"deixar" as meninas decupar fitas - uma atividade que devia ser "*quase* pesquisa de campo". Confesso que senti uma dor de consciência, como se eu estivesse me comportando como algum Pedro Malasartes : para não ter que fazer aquele trabalho, convenci outros a tomarem meu lugar, alegando que a atividade em questão era muito divertida. Os resultados desta transação foram, porém, surpreendentemente positivos.

A equipe principal já tinha feito uma "decupagem grossa" com as trinta horas de filmagem, assinalando as partes que as bolsistas deviam transcrever, palavra por palavra - trechos que seriam usados na versão final do vídeo. Começou então uma rotina segunda a qual as meninas passavam tardes inteiras a se concentrarem neste material. Certas passagens, sendo de compreensão extremamente difícil, as meninas eram frequentemente obrigadas a escutar o mesmo discurso dez, quinze vezes. Entretanto, em vez de demonstrar impaciência com este trabalho, como eu tinha previsto, faziam este trabalho e mais. Percebi que estavam observando as fitas do início até o fim com um fascínio que lembrava espectadores de novela.

Cabe lembrar que as filmagens eram bastante caóticas. Éramos quatro a segurar a câmera em diferentes momentos da pesquisa de campo, só dois dos quais tinham qualquer experiência com vídeo. Fizemos um hábito de não desligar a câmera durante o tempo da visita. Assim, em diferentes momentos, a cena na tela balançava enquanto o câmeraman, com sua mão livre, tomava chá ou afagava a cabeça de algum cão. Não faltava, nos *travellings* despropositais, uma boa quantia de paredes brancas, cantos escuros e céu. Mas as bolsistas olhavam para estas cenas (que deixariam arrepiado qualquer profissional do vídeo) com tanto interesse quanto as cenas comportadas de entrevista. Aos poucos, ficou evidente que estavam observando *nós*, os membros da equipe, tanto quanto nossos informantes.

Testemunhas de nossas mancadas, cúmplices de nossos sucessos, estavam absortas na relação que estabelecia-se entre pesquisador e pesquisados. Estavam recebendo uma iniciação nas técnicas da pesquisa antropológica de campo que nem os textos de Malinowski não tinham proporcionado. Este processo de "*anthropological blues*⁵ por procuração" se deu de tal forma que quando, alguns meses depois, uma das meninas enfrentou uma verdadeira experiência de "campo" em quadro semelhante (famílias dos bairros populares), disse que teve uma sensação de *déjà vu* - como se não fosse a primeira vez.

No processo de decupagem, as bolsistas não tinham se limitado à observação só do procedimento do etnógrafo. Também estavam sendo exposta ao "outro" - os nossos "nativos". Desta forma, o material estava se constituindo enquanto "banco de dados" a ser consultado por "terceiros". As meninas estavam sendo saturadas, imbuídas das personagens que entrevistamos de uma maneira que, aposto, não teria ocorrido se fossem tratar de um texto escrito. Juravam que tinham a sensação de *conhecer* as mulheres pessoalmente. A força do impacto foi, sem dúvida, devida em parte à natureza do dado **audio-visual**. As meninas tinham acesso à cor das roupas, às atitudes corporais e gestos, à inflexão da voz, às caretas e risadas que transformam palavras em discurso real. Mas, também, tiveram que olhar certas destas cenas dezenas de vezes, aprendendo com cada sessão a captar mais um detalhe etnográfico da cena. Sem nenhuma orientação especial da minha parte, elas foram juntando sua "experiência" com as mulheres entrevistadas com leituras que faziam em suas aulas - sobre valores, sobre identidade, sobre gênero. E um belo dia, me apareceram com um projeto de análise antropológica, a base do material gravado.

⁵ Ver Da Matta 1978.

A proposta

Michèle, Miriam e Elisiane foram tomando contato com as mulheres dos grupos populares de Porto Alegre, e foram se transformando. Jovens (de 20 a 25 anos), estudantes universitárias, solteiras na fase de namôro, todas da classe média, propuseram-se inicialmente estudar um assunto que interessava elas: relações de gênero. Escolheram em função de valores que consideravam importantes para sua própria identidade feminina: trabalho, família, amor - e procuraram cuidadosamente falas de nossas entrevistadas que pudessem fornecer pistas quanto à visão das nossas nativas sobre estes assuntos.

No início ficaram perplexas, porque em quase 30 horas de conversas livres, depoimentos, e fofocas filmadas, as meninas não conseguiam achar exatamente o que elas estavam procurando. E quando achavam um pedaço de conversa onde dava para identificar algum ideal "feminista", aspiração de carreira ou de realização amorosa, sua decepção aumentava em vez de diminuir. Manifestamente, a emoção investida nestes assuntos era pálida em relação a outros .

Já que não estavam lidando com as palavras secas de textos escritos, as bolsistas resistiram à tentação de reduzir os valores destas mulheres a conceitos abstratos ou noções intelectuais achatadas. Deixaram-se seduzir pela cor das imagens, o charme das personagens, a intensidade de sua *performance*. E deste modo, o foco de atenção não caía naquilo que as estudantes tinham definido de antemão como importante.

Como exemplo de atitudes em torno do trabalho feminino, selecionaram um trecho da entrevista de Etelvina, uma viúva de 73 anos que criara seis filhos e três netos lavando as roupas de restaurantes e hotéis:

"Aí (o vizinho e eu) fomos conversando. ... Aí foi e disse assim, 'Aqui tem muita mulher lavadeira, muita mulher trabalhadeira mas trabalhadeira que gosta de ser lavadeira mesmo é só a mulher de Manuel Baiano.' E era eu (risos). ... Tinha dias que tinha tres fios de arame...Enchia tudo de roupa. Paulo que era pequeno carregava a roupa num carrinho de mão e a guria ia estendendo. Íamos lá em cima no arroio, levava café da manhã, almoço, e café da tarde..."

O entusiasmo desta viúva não parecia ter muito a ver com uma "consciência de classe" no sentido marxista. Muito menos seria ligado a uma idéia de "carreira" tal que as bolsistas imaginavam. Etelvina, em trechos anteriores da entrevista, já tinha insistido na sua "vida de trabalho" para sublinhar as deficiências do marido (que não sustentava a casa); mas ela vai além da comparação negativa quando traz a tona o elogio do vizinho - que nenhuma outra lavadeira trabalhava igual. Seu orgulho de trabalhadeira é entrelaçado ao seu status de mulher (de Manuel Bandeira) e de mãe. Vemos o encadeamento de valores - de trabalho para família - na sua insistência em falar de filhos : filhos que a ajudavam trabalhar, filhos que ela sustentava com seu trabalho.

Já desde o início da pesquisa, "família" fora uma das variáveis apontadas para análise pelas bolsistas justamente porque, ao elaborarem suas próprias auto-imagens, davam a esse valor bastante importância. Consideravam a família como um lugar de realização individual onde a mulher - enquanto esposa, e enquanto mãe - podia desenvolver plenamente seu potencial feminino. De novo, repararam que as mulheres das fitas falavam muito de família, só que não foi nos termos previstos. Um dos trechos que mais marcou as pesquisadoras neófitas foi a queixa de Dona Maria (55 ans, mãe de seis filhos) sobre seu marido mulherengo:

"Se fosse moça agora - não fosse no tempo que era, que era de primeiro, que tinha respeito - eu não ia respeitar. Naquele meu tempo, era tempo de respeito. Eu dizia que ia deixar (meu marido), a madrinha dizia 'Se tu deixar, tu não vai ter mais valor nenhum'. Elas assustavam a gente, ne? Eu tinha medo. 'As amigas da falecida tua mãe, ninguém vai mais olhar para tua cara'. Mas eu era muito boba, eu passei muito trabalho porque eu era muito bobalhona. Agora não. Agora as que casam hoje, no outro dia, estão separadas e não dão nada. A gente era muito boba de manter aquele casamento, apanhando pela cabeça e sempre respeitando, ne?"

No depoimento de Dona Maria, vê-se claramente que o valor da mulher é inextricavelmente ligado à sua situação familiar. Este valor constuía-se em torno da honra familiar - e a obrigação da mulher em assegurar que a casa - a família - seja um lugar de "respeito". Nisso, pesava também a opinião de toda a parentela - de avós, tias, comadres. O legado da finada mãe de Dona Maria é o da moralidade familiar, não da realização individual. É em nome da família e de seus filhos que Dona Maria "baixa a cabeça" e segue batalhando - trabalha para ganhar seu "dinheirinho" e aguenta a infidelidade do marido⁶.

Finalmente, quando as bolsistas concentraram suas energias no assunto, "amor", não acharam as histórias românticas que tanto esperavam. Pelo contrário, *quando* falavam bem de seus maridos, as "informantes", ressaltavam sempre seu papel de provedor antes de qualquer encanto pessoal:

"Tenho amigas que dizem que mereço uma coisa melhor, mas eu estou com ele porque eu sei que ele me ajuda. não me deixa faltar nada. Eu faço minha contas, ele me ajuda a pagar. Porque quando o pai dos guris foi embora, eu vendi tudo que tinha dentro de casa. Ficou só o buraco da casa. Vendi tudo para dar comida para as crianças."

⁶ Em outro artigo (Fonseca *no prelo*), lembramos que estas atitudes, além de não ter tolhido seu exercício de cidadania (Dona Maria é uma importante líder comunitária), tem dado frutos no plano doméstico de Dona Maria. Hoje ela vive no mesmo quintal com cinco de seus seis filhos. Dentro da ideologia de abnegação feminina, travou-se uma aliança entre ela e os filhos adultos que lhe assegura tranquilidade econômica e importância afetiva/política no seio da família extensa.

Ao procurarem casos de mulheres apaixonadas, as estudantes tropeçaram em fúria no lugar de euforia. Iara (38 anos), que não era de "aguentar desaforo" do marido, não mede palavras ao descrever a raiva que sentiu quando descobriu que seu (segundo) marido saía com outra:

"Aí essa mulher me disse, 'Não sabe que ele anda muito tempo com Ana?' E eu, 'Ana? Que Ana?' E ela, 'A Ana bem magrinha. Eles moram perto do terminal'. Aí que sai procurando este tal de Ana. A primeira Ana que encontrei, meti o pé na casa dela e quebrei tudo. O que pude quebrar, quebrei. Quebrei até o fogão"⁷.

Trata-se aqui de uma personagem forte, mas o caráter de seu depoimento não destoa tanto do das outras entrevistadas. Aparecem, em outros lugares, histórias semelhantes, seguindo sempre a mesma sequência: uma vizinha faz a denúncia: "teu marido tem outra", a mulher vai atrás, até a casa da amante e, chegando lá, briga; reivindica seus direitos de esposa legítima e traz o marido de volta ao lar. Emerge, assim, uma nova imagem que não fora prevista na lista original, a da "mulher valente". Lá onde as bolsistas, diante de um "fracasso amoroso", tenderiam a se culpar ("O que que fiz errado? Por que que ele me deixou?"), essas mulheres demonstram, antes de mais nada, indignação - especialmente diante das rivais. Juntando este material com diversas leituras da literatura antropológica (Duarte 1987, Sarti 1989, Pitt-Rivers 1983), foi possível tecer uma hipótese para futura pesquisa: já que o homem é, por natureza, "rueiro", cabe à mulher competente controlá-lo. Não é vergonhoso admitir que seu homem tem outras mulheres. A vergonha seria não ir atrás para trazê-lo de volta ao lar.

⁷ Termina o relato revelando, com gargalhadas, que não era a Ana que havia roubado seu marido. Cabe acrescentar que essa cena foi gravada em circunstâncias bem mais descontraídas do que as outras. A grande maioria de entrevistas de pesquisa são feitas em condições mais formais. A imagem regrada e sisuda que, tantas vezes, construímos da moralidade familiar dos grupos populares não viria da perspectiva viesada provocada pelas circunstâncias (também regradas e cisudas) da entrevista "científica"?

Conclusão

Ao escutar as entrevistas gravadas, as bolsistas começaram a repensar a universalidade da "identidade feminina" tal como elas a tinham imaginado. Tinham escolhido as três "variáveis", "trabalho", "família", e "amor" justamente porque eram estes os valores mestres na percepção ideal *delas* do "feminino". Pressupondo uma certa universalidade desta identidade feminina, foram procurar estes mesmos valores nas entrevistas com mulheres de grupos populares. Acharam? Bem, de certo modo sim. Só que, em cada instância, a noção pre-definida assumia contornos tão diferentes que ressaltava as diferenças entre os sujeitos e objetos de pesquisa mais do que as semelhanças. A mulher trabalhadeira, a mulher "de respeito", a mulher valente - são componentes chaves da auto-imagem das entrevistadas. No entanto, têm pouco a ver com a carreira, a família, e o amor tomados como eixo central da identidade feminina pelas bolsistas.

Durante todo o trabalho de decupagem, as bolsistas não pararam de falar do processo "dialógico". No início, achei o termo descabido. Depois de tudo, a comunicação entre elas e as entrevistadas era de mão única; elas não tinham a oportunidade de devolver opiniões ou comentários para as mulheres nas fitas, nem sequer de conhece-las pessoalmente. No entanto, comecei a perceber que as personagens do vídeo não eram apreendidas como meras imagens falantes. Muito mais do que a maioria de textos escritos, a entrevista gravada conseguia persuadir as estudantes que os "outros" com quais estavam lidando eram seres humanos em carne e osso - isto é, pessoas inteligentes, sensíveis, com trajetórias singulares .

A partir da experiência, as bolsistas fizeram suas primeiras incursões do outro lado das fronteiras de classe, e de geração. Etelvina, Maria e Iara eram mulheres "bem mais velhas" falando para estudantes de 20 a 22 anos; eram pessoas de origem negra, índia e luso-brasileira falando para três loiras de olhas azuis; eram, manifestamente "pobres" falando para jovens que, se não eram "ricas", pelo menos, não tinham a mínima idéia o que era de passar fome. Mas, a partir do contato com este outro mundo, as bolsistas "viajaram", aprenderam a pensar a "alteridade" dos outros e assim retrabalhar suas próprias categorias de percepção.

Deram, afinal, um passo a mais nesta viagem - além do choque inicial, além da relativização das categorias da ciência convencional. As bolsistas começaram a mesclar às suas hipóteses generalizantes - que cruzavam valores com variáveis de classe, raça e idade - reflexões sobre a singularidade de cada uma dessas mulheres. Havia diferenças gritantes entre elas - de idade, de raça, de experiência conjugal. Como que podíamos imaginar que qualquer uma delas fosse "típica"? A realidade vívida da imagem, vista e revista, estourou qualquer ilusão quanto à "homogeneidade" do grupo em questão. Em suma, tiveram de certa forma uma experiência "intersubjetiva", sim. Ensaíram um primeiro passo na coreografia da pesquisa etnográfica - tiveram um choque cultural, fizeram um auto-questionamento e, ainda, continuaram procurando entender estes outros em toda sua sutileza histórica e pessoal. Como os astronautas que aprendem a navegar em situações simuladas de aeronave, estas jovens pesquisadoras usaram o estúdio de montagem e as diversas fitas como laboratório iniciático onde fizeram seu primeiro vôo da odisséia etnográfica.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, Albertina e C. Bruschini, org. **1992. Uma questao de genero.** RJ: Rosa dos Tempos. SP: Fundacao Carlos Chagas.
- DA MATTA, R. 1978. "O ofício do etnólogo ou, como ter 'antropological blues'". IN NUNES, E. (org.). 1978. **Aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar.
- DUARTE, L.F. 1987. "Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadores urbanos. " In **Cultura e identidade operaria: aspectos da cultura da classe trabalhadora** (coord. J.S.L.Lopes). UFRJ: Proed.
- ECKERT, Cornélia e GODOLPHIM, Nuno. (org.) 1995. "Antropologia visual". Número especial da revista **Horizontes Antropológicos** (UFRGS), vol. 2.
- FONSECA, Claudia. 1995 "A mulher valente". **Horizontes antropológicos** vol. 1: 113-130.
- FONSECA, Claudia. *no prelo* "Gênero e cotidiano: identidade feminina nos grupos populares". In **Gênero e processo civilisatório** (Miriam Rosa, org.). Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, UFRGS.
- KOURY, Mauro Guilherme (coord.). 1995. **GT Antropologia Visual.** Trabalhos apresentados durante a IV Reunião de Antropologia do Norte/Nordeste.
- MONTE-MOR, Patrícia e José Inácio Parente (orgs.). 1994. **Cinema e antropologia: horizontes e caminhos da antropologia visual.** Rio de Janeiro: Interior Produções.
- MOREIRA LEITE, Miriam. 1993. **Retratos de Família.** São Paulo: EDUSP.
- PITT-RIVERS, J. 1983. **Anthropologie de l'honneur: la mésaventure de Sichem.** Paris: Editions Le Sycamore.
- SARTI, Cynthia. 1989. "Reciprocidade e hierarquia: relações de gênero na periferia de são Paulo." **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas** 70: 38-46.
- TEDLOCK, Dennis. 1985. "A tradução analógica e o surgimento do Antropologia dialógica". **Anuário antropológico** 85:183-202.